

## O OLHAR ECOLÓGICO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES – IARA BELELI

MARCO AURÉLIO CREMASCO – MARIA TEREZA DUARTE PAES

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

ANDREW PATRIZIO

*O olhar ecológico*

A construção de uma história  
da arte ecocrítica

Tradução  
Bhuvi Libanio

EDITORA  
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
BIBLIOTECÁRIA: MARIA LÚCIA NERY DUTRA DE CASTRO – CRB-8ª / 1724

---

P2750 Patrizio, Andrew  
O olhar ecológico : a construção de uma história da arte ecocrítica /  
Andrew Patrizio ; tradução: Bhuvi Libanio. – Campinas, SP : Editora  
da Unicamp, 2023.

Tradução de: *The ecological eye : assembling an ecocritical art history*

1. Arte – História. 2. Ecologia. 3. Meio ambiente. 4. Educação  
ambiental. 5. Justiça ambiental. I. Libanio, Bhuvi. II. Título.

CDD – 709  
– 577  
– 333.7  
– 372.357  
– 344.046

ISBN 978-85-268-1614-5

---

Copyright © Andrew Patrizio

Copyright © 2023 by Editora da Unicamp

Copyright © Originalmente publicado em língua inglesa  
pela Manchester University Press (2018)

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas  
neste livro são de responsabilidade do autor e não  
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar  
Campus Unicamp  
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728  
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SÉRIE

## DISCUTINDO O BRASIL E O MUNDO

Esta Série pretende alinhar, por meio de um conjunto de obras nacionais e traduzidas, discussões recentes em torno da crise da democracia no Brasil e os impactos da ascensão do fascismo no mundo, cujo centenário se comemorou em 2022. As obras versam sobre o avanço da direita autoritária, a crise do neoliberalismo e os rumos do capitalismo na era digital, o conflito na Ucrânia e o embaralhamento da política internacional.

Produtos de reflexões e pesquisas rigorosas e abrangentes, os títulos reunidos procuram, por meio de uma linguagem acessível, contribuir com a revitalização do debate em torno de temas de grande interesse contemporâneo e de alternativas que se colocam no âmbito das políticas públicas, sociais e educacionais.

Com a Série *Discutindo o Brasil e o Mundo*, a Editora da Unicamp reafirma seu compromisso com a dinamização da agenda científica, política e cultural do século XXI, cujos desafios passam pelo aumento da circulação do conhecimento e da informação qualificada, contribuindo, assim, com o debate sobre os rumos do Brasil e do mundo a partir da análise de situações políticas e socioculturais concretas.



Este livro é para minha mãe, Anne, e para meu pai, Joe.  
Obrigado por uma vida de inspiração e amor.





*O mundo já estava mudando de cor e de peso, logo seria necessário  
confessar a mim mesmo que estava ansioso.*

Samuel Beckett, *Molloy*, 1951



## AGRADECIMENTOS

Um grupo importante de colegas acadêmicos que formam a Edinburgh Environmental Humanities Network é uma constante fonte de apoio, incentivo e crítica perspicaz. Agradeço, principalmente, a Michelle Bastian, Emily Brady, David Farrier, Franklin Ginn, Jeremy Kidwell, Michael Northcott e Françoise Wemelsfelder. Tenho a honra de trabalhar em um departamento incrível (História da Arte) em uma instituição igualmente incentivadora, a Edinburgh College of Art, na University of Edinburgh. Gostaria de agradecer a cada um de meus colegas por fazerem desse um lugar especial para ensinar e pesquisar. Agradeço, sobretudo, a Patricia Allmer, Matt Brennan, Chris Breward, Sue Cavanagh, Vicky Coltman, Neil Cox, Angela Dimitrakaki, Paul Jenkins, Ed Juler, Kirsten Lloyd, Halle O’Neal, Heather Pulliam, Carol Richardson, Harry Weeks, Christian Weikop e Richard Williams. Meus estudantes, de todos os níveis, ao longo dos anos, ofereceram mais do que eles imaginam em termos de energia, consideração e campo de testes para ideias. Agradeço, principalmente, a meus estudantes pioneiros da disciplina “Natureza radical: arte e ecologia, de Joseph Beuys aos dias de hoje”.

As pessoas envolvidas no painel sobre “História da Arte e Ecologia”, realizado durante o congresso anual Association for Art History’s Annual Conference, em 2014, proporcionaram uma excelente plataforma de lançamento para este livro. Sou grato ao meu copresidente Jenny Walde e aos palestrantes T. J. Demos, Maja e Reuben Fowkes, Majella Munro, Alistair Rider, Wood Roberdeau e Victoria Walters. O diálogo mantido com T. J. Demos e Alistair Rider foi uma grande ajuda. A oportunidade de participar do periódico *Immortality and Infinitude in the Anthropocene*, do KTH Royal Institute of Technology, em Estocolmo, em 2014, foi fundamental para meu pensamento.

Agradeço a Thom van Dooren, Heather Davis, Astrida Neimanis e Vinciane Despret por inspirarem discussões. Um cumprimento especial também para Eddie MacCallum por ter oferecido um retiro de escritores perfeito no Peninver Sands Caravan Park, em Kintyre. Agradeço ao pessoal na Manchester University Press, sobretudo, Emma Brennan e Alun Richards; minhas editoras de série, Amelia Jones e Marsha Meskimmon; o pessoal da Bouchier, Elizabeth Stone e David Hawkins; meu indexador, Martin Hargreaves; e meus revisores anônimos.

Fui muito beneficiado por *insights* profundos oferecidos por amigos próximos e colegas cuja generosidade e delicadeza sempre me maravilharam. Preciso agradecer em especial a Emilios Christodoulidis, Bill Hare e Irit Rogoff. Um círculo ainda maior de pessoas muito próximas a mim, a quem devo muito, inclui Alistair Currie, Cecil e Shirley Finn, Ilana Halperin, Jane Macmillan, Alistair e Alison McGuigan e Alan Ness.

Finalmente, este livro simplesmente não teria acontecido sem o apoio e o incentivo de minha maravilhosa esposa, Maureen Finn, meus filhos igualmente maravilhosos, Ross e Matthew, e, obviamente, nosso companheiro cocker spaniel, Oscar. Obrigado.

## SUMÁRIO

Introdução.....	15
-----------------	----

### PARTE I – POR UMA HISTÓRIA DA ARTE ECOCRÍTICA

Introdução.....	47
1. A evolução do ecocriticismo na história da arte.....	49
2. A história da arte em um campo amplo: técnicas, materiais, terrenos, energia, ambientes.....	69
3. Ecologias do feminismo e a teoria <i>queer</i> .....	89

### PARTE II – A POLÍTICA DA AUSÊNCIA DE HIERARQUIA: ANARQUISMO, ECOLOGIA SOCIAL E ARTE

Introdução.....	113
4. Raízes anarquistas e socioecológicas.....	115
5. A história da arte e o anarquismo.....	133
6. Ecologias: política, cultural, verde.....	153

### PARTE III – MATÉRIA, SOLO E CARNE

Introdução.....	177
7. O novo materialismo e a sabedoria das pedras.....	179
8. História da arte como prática da pós-humanidade.....	193
9. Animalidade e implantações.....	213

Conclusão: Atenção total – justiça ambiental e o ecocriticismo na história da arte .....	233
Bibliografia.....	249
Índice remissivo.....	265

## INTRODUÇÃO

Este livro ocupa um território negligenciado que existe entre o cuidado com o planeta e o estudo histórico de arte visual. Muitas pessoas, sobretudo quem sente como prioridade as necessidades prementes do planeta, talvez nem acreditem que valha a pena explorar uma paisagem dessas. O ceticismo dessas pessoas pode tocar quem tem obsessão por artes, humanidades e, mais especificamente, pelas disciplinas visuais. O argumento usado é de que só é possível um encontro produtivo entre os dois registros – ambiental e histórico-artístico –, por exemplo, na discussão sobre artes “ambientais” ou “ecológicas”. Se é improvável que a arte salve o planeta, qual seria a chance de a história da arte fazer isso?

O desejo de escrever *O olhar ecológico* nasceu da convicção de que a história da arte como disciplina (ou prática) talvez, ainda que seja improvável, tenha algo a oferecer diante de mudanças planetárias pavorosas que foram agrupadas sob o termo “antropoceno”. A história da arte não é uma coisa única, obviamente; em sua variedade, ela tem potencial para exercer um papel muito mais grandioso no incentivo a sensibilidades, políticas e práticas novas no âmbito cultural, onde quer que isso se manifeste regionalmente. Para ser mais preciso, historiadores da arte, no trabalho, talvez postulem imaginários originais e construtivos sobre a crise ambiental global paralelamente a artistas sobre os quais escrevem e especialistas de outras humanidades com os quais trabalham. Na verdade, historiadores da arte trabalham mais coletivamente do que quem está de fora (quem conhece apenas os estereótipos baseados em clichês) consegue imaginar. Minha percepção, conforme exposta neste livro, é a de que há muita coisa a sugerir nas histórias e nas práticas da história da arte, disciplina que, por ser das humanidades, pode “encontrar a coragem inspiradora para ir além de uma preocupação exclusiva com os humanos [...] e abraçar mais desafios intelectuais

planetários”<sup>1</sup>. *O olhar ecológico*, como projeto, destaca-se por seu objetivo de misturar as histórias da arte ecocríticas que foram negligenciadas no passado com ecologias políticas complacentes que até então causaram pouco impacto. E esses domínios hibridizam-se nestas páginas, também de formas variadas, com trajetórias voltadas para o futuro no pós-humanismo, no novo materialismo e na teoria ecológica. Há uma revitalização iminente, visto que este livro é apenas uma contribuição oferecida na companhia de um agitado e impaciente grupo de acadêmicos, ativistas e agentes que estão além da academia.

As recompensas para a história da arte poderiam vir em ambas as direções. Todas as partes envolvidas no encontro com obras artísticas (quem cria, quem exhibe, quem escreve e quem admira) poderiam se beneficiar da expansão do repertório ecológico ao inserir essas obras em um discurso de história da arte. Em um momento como esse, o historiador da arte fica aterrado com mais firmeza em um ampliado conjunto ecológico de coordenadas e, por extensão, difere, se é que não resiste por completo, da maneira em que uma experiência artística talvez se feche em um evento normativo e limitado. Imperativos ecológicos permitem-nos criar uma análise fundamentada na história da arte que esteja além do horizonte comum das perspectivas disciplinares.

No sentido de que talvez seja tarde demais para salvar o ecossistema planetário de um declínio catastrófico, é possível que seja tarde demais também para a história da arte seguir as demais disciplinas em humanidades que já articularam perspectivas ecológicas sofisticadas (virtualmente, todas já o fizeram). Ainda assim, qualquer pessoa que escolha escrever sobre um tema que está impregnado pela crise ecológica terminal deve fazer isso com a esperança de que uma reparação seja possível, de que talvez haja tempo para que uma produção cultural em artes e humanidades faça seu trabalho, assuma responsabilidade e gere resultado. *O olhar ecológico* defende uma reformulação gregária, ética e sofisticada da história da arte que contribua para as necessidades ecológicas urgentes de hoje. A área “humanidades ecocríticas”, como veremos, pode ser imaginada como um relacionamento que é construído com o mundo, alimentado de política, por meio de uma disciplina; e, quanto mais atencioso, sutil, energético e ético o envolvimento, melhor será a obra. É simples (e complicado) assim. Se o argumento for defendido aqui com qualquer grau de sucesso, a história da arte ficará bem posicionada para lançar seu olhar ecológico sobre nosso mundo, cada vez mais inóspito e prejudicado.



Desde o início, minha percepção foi acolher todo o escopo desse projeto, seguir diversas linhas temáticas conforme elas se estendem muito além de minha zona de conforto (ainda que ficar lá, com frequência, deixe-me desconfortável) e sugerir, abertamente, em forma de vinhetas, capítulo por capítulo, as possibilidades manifestas contidas na história da arte e em suas interseções com outras disciplinas. Isso exigiu certo grau de autocritica como praticante da história da arte, no sentido de que nossa disciplina perdeu oportunidades demais de levar a sério os contextos ecológicos, que estão além do imaginário visual e de conteúdos óbvios isolados. Entretanto, a amplitude conceitual, metodológica e material que existe no próprio DNA da história da arte, independentemente de como é praticada, significa que uma potencialidade de contrapeso poderá desempenhar seu papel – e certamente o fará – se a disciplina afirmar seu próprio olhar ecológico. Isso é um trabalho novo e importante que deve ser feito. Felizmente, não sou o único a acreditar que os contornos da história da arte são distorcidos, disformes, sem a consideração adicional da ecologia.

A fim de elaborar coerentemente o variado material aqui debatido e oferecer uma oportunidade de clareza e orientação para especialistas e não especialistas em história da arte, selecionei um filtro, ou dispositivo de enquadramento, para esses conjuntos de vinhetas. Por motivos políticos, éticos, culturais e de antagonismo, o tema unificador é a não hierarquia. Esse dispositivo de enquadramento (ainda que também seja muito mais do que isso) é empregado ao longo do livro; ele poderá ser visto em funcionamento de várias maneiras e em muitos níveis. Esse é o principal modo como imagino o olhar ecológico do título. Anteriormente eu disse “antagonismo” porque, para muitas pessoas fora da história da arte (talvez também algumas tantas dentro), a disciplina está tomada por narrativas, ideologias e estruturas de hierarquia, dominação, elitismo e poder. No século XXI, é impossível ser inconsciente ou acrítico em relação à manifestação disso na história da arte, e temos várias décadas de reparação por suas distorções e seus horrores mais óbvios. Mas ainda podemos ir além. *O olhar ecológico* trata de resgatar o visual, ecologicamente, e resistir às estruturas que ainda influenciam partes de nosso trabalho. Trata da exploração de um caminho no qual a história da arte pode assumir seu lugar como disciplina significativa e engajada, estabelecida no futuro do antropoceno e da miríade de implicações que fluem ali. Encontro motivação

nisso além da história da arte; por exemplo, Donna Haraway verbaliza seu interesse em “resgatar o sentido da visão como um ‘tornar-se com’ ou um ‘ser com’”. Para ela, “não é possível afastar-se de coisas importantes como a visão, *não é possível passá-las a outrem*”.<sup>2</sup> Historiadores da arte trabalham com todo tipo de disciplina e material de pesquisa, mas deveriam pensar duas vezes antes de abrir mão do visual. No título deste livro, há um eco proposital da expressão influente de Michael Baxandall “olhar do período”, articulada em *O olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da renascença* (1991 [1972]), mas minha metáfora está inserida em uma atmosfera ainda mais recente, com esperança de mobilizar gerações novas ou acadêmicos aliados que pensam, como eu, que precisamos lançar um olhar ecológico firmemente horizontalizado sobre o trabalho tanto de artistas quanto de historiadores da arte, de hoje e do passado. Obviamente, isso não é para policiar o trabalho alheio (o que seria um desastroso retorno à hierarquia), mas para sugerir que construções, implicações e poéticas ecológicas são nutritivas e necessárias para nosso campo.

Uma consequência complicada da insistência deste livro em abordagens não hierárquicas é o desenrolar disso em relação às atuais preocupações da história da arte. Tentei, sem preconceito, envolver na história da arte ideologias normalmente divergentes e por vezes opostas, desde que dialogassem com as “ontologias planas” do pensamento ecológico que defendo. Portanto, trabalho com um *corpus* marxista, anarquista, feminista, ativista, materialista, verde, científico e formalista. Espero que essa mistura que ofereço seja nova o bastante, apesar de reconhecer o desafio de fazer jus à coerência e à clareza das ideias dos escritores com os quais aprendi. O que conecta esses posicionamentos (ainda que com relutância) é a habilidade de formar uma sensibilidade não hierárquica ecológica de relevância direta para a disciplina da história da arte. Isso não é, de forma alguma, uma inclusão liberal, mas, sim, um reconhecimento de que a história da arte precisa ampliar seus objetos de obsessão para além da cultura visual e da mídia, a fim de que sejam voltados a vetores humanos e não humanos que animam o planeta e seus ecossistemas. Isso pode ser compreendido como reação a uma cobrança dupla. Uma interna, da arte que ao longo do último século ou mais demonstrou não haver sujeito, material ou imaterial, que esteja além da atenção legítima de artistas. A outra, externa, tendo em vista que as ecologias globais moldam todas as atividades humanas,

hoje mais do que nunca, inclusive as humanidades, que incluem a história da arte. A consequência de ambas essas cobranças é que não há escala, não há tema, não há método, não há ética, não há organismo, não há mineral com os quais a história da arte não possa ter um relacionamento simbiótico. Isso não é uma questão de linguagem e, apesar dos desafios, não é assim tão complicado.

## O SURGIMENTO DAS HUMANIDADES AMBIENTAIS

“Todo exame crítico da relação com a natureza é simultaneamente um exame crítico da sociedade.”

Harvey, 1996

Poderia parecer ridículo justapor a disciplina de história da arte aos cenários catastróficos de mudança climática, aquecimento global, poluição, invernos nucleares e engenharia genética se disciplinas relacionadas a isso já não existissem em história, geografia e literatura há muito tempo. Embora o principal perigo para a sobrevivência de várias espécies em nosso planeta não seja primordialmente relacionado a palavras, é impressionante como a discussão atual sobre podermos ou não renomear adequadamente nossa própria época geológica como antropoceno, marcando-nos como do holoceno, onde atualmente estamos, estimulou a mentalidade ecológica. Se for para galvanizar uma geração inteira e produzir um “imaginário social”, adotar e desenvolver esse termo pode trazer consequências para as disciplinas de humanas que lidam com imaginários, tais como a história da arte.<sup>3</sup> McKenzie Wark é enfático ao descrever o antropoceno como “um nome ruim para uma época ruim, portanto, não é impróprio”.<sup>4</sup> Neimanis, Åsberg e Hedrén expandem isso:

[...] qualquer política ou ação voltada para mitigar problemas ambientais deve levar em consideração os desejos, as motivações e os valores humanos; uma compreensão aprofundada do ambiente não pode estar divorciada da imaginação, da cultura e das práticas institucionais e sociais humanas.<sup>5</sup>

Está bastante evidente que todas as disciplinas em humanidades sentem as pressões do ecológico, do climático e do ambiental, que coletivamente

representam uma chamada para refletir e agir além do que, para uma geração acadêmica mais antiga, era puramente uma questão de especialista *versus* generalista ou um tipo de estrutura institucional universitária acima de outra. Neimanis, Åsberg e Hedrén argumentam que as humanidades ambientais são “um meio através do qual preocupações fundamentais dentro das humanidades [...] podem ser apresentadas com relevância para questões ambientais, através do emprego dos modos de investigação das humanas”.<sup>6</sup> Em seguida, os autores estabelecem quatro problemas (“a alienação e a intangibilidade; a situação pós-política; o enquadramento negativo da mudança ambiental; a compartimentalização do ambiente”<sup>7</sup>) e quatro direcionamentos (“atenção a imaginários ambientais diversos; repensar o campo ‘verde’ em termos de culturas naturais e pós-humanismos feministas; desenvolver as humanidades ambientais por um veio especificamente transdisciplinar e pós-disciplinar; e, finalmente, aumentar os esforços para desenvolver as ‘humanidades cidadãos’”<sup>8</sup>) que nos ajudam a compreender algumas das dimensões das humanidades antropocênicas. Isso ecoa a porosidade disciplinar observada por Levi R. Bryant em relação ao termo “ecologia” como não sendo hoje apenas relacionado à natureza, mas, sim, ao discurso sobre relações e interrelações.<sup>9</sup> Considerações acerca da mudança ambiental e antropogênica deram às humanidades uma carga com novo peso e novas possibilidades de responsabilidade, ainda que, conforme Clark afirma, elas estejam restritas a um sistema educacional “ainda bastante preso à reprodução e à legitimação do *status quo*”.<sup>10</sup>

Por volta de uma geração atrás, o livro *Justice, Nature and the Geography of Distance* (1996), de David Harvey, revelou percepções extraordinárias sobre tensões transglobais entre natureza e cultura, os problemas acerca da diferença ambiental, as especulações ecológicas de Marx e o fato de que as considerações sobre lugar e território fluíam diretamente até o movimento de justiça global. Lembre-se de que o livro de Harvey foi escrito apenas seis anos depois do primeiro Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima e muito antes de mudanças climáticas tornarem-se um tema popularmente debatido.<sup>11</sup> Partindo de um trabalho ecológico em arqueologia, antropologia e geografia,<sup>12</sup> Harvey escreveu sobre um Marx histórico-ecológico, que “afirmou [...] podermos descobrir quem e o que somos (até mesmo nosso potencial de espécie) apenas por meio da transformação do mundo que nos rodeia, e, ao fazer isso, coloca a dialética da mudança social e ecológica no centro de toda